



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CAMILA PATRÍCIO GUEDES

DEFICIÊNCIA VISUAL:

HISTÓRIAS DE VIDA SOBRE A BUSCA DE SENTIDO

CAMPINA GRANDE-PB

2015

CAMILA PATRÍCIO GUEDES

**DEFICIÊNCIA VISUAL:
HISTÓRIAS DE VIDA SOBRE A BUSCA DE SENTIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Marinalva da Silva Mota.

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G924d Guedes, Camila Patrício.

Deficiência visual [manuscrito] : histórias de vida sobre a busca de sentido. / Camila Patrício Guedes. - 2015.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Marinalva da Silva Mota, Departamento de Psicologia".

1. Deficiência visual. 2. Logoterapia. 3. Sentido da vida. I.
Título.

21. ed. CDD 362.41

CAMILA PATRÍCIO GUEDES

DEFICIÊNCIA VISUAL:
HISTÓRIAS DE VIDA SOBRE A BUSCA DE SENTIDO

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Marinalva da
Silva Mota.

Aprovada em: 19/6/2015.

BANCA EXAMINADORA

Marinalva da Silva Mota

Prof.^a Ms. Marinalva da Silva Mota / UEPB

Orientadora

Lorena Bandeira da Silva

Prof.^a Lorena Bandeira da Silva / UEPB

Examinadora

Adenize Queiroz de Farias

Prof.^a Ms. Adenize Queiroz de Farias / UEPB

Examinadora

À minha avó Amália, por fazer-se
presente em minha memória e
especialmente em meu coração,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por ser fonte de amor, proteção e cuidado, por não me abandonar e me guiar sempre em todos os caminhos que eu ando e ainda andarei, por me abençoar e ser presença viva e constante em mim.

Aos meus pais, Cleudes e Humberto, por tanto amor dedicado a mim, pela educação que me deram e por me tornarem a pessoa que sou hoje, a vocês meu eterno amor e imensa gratidão. E ao meu irmão Betinho, por ser a criança mais linda e educada que já conheci. Amo vocês!

A todos os meus familiares que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação, em especial, aos meus avós, João Eudes e Josefa Luísa, pelo apoio e carinho que sempre me dedicaram, bem como a minha tia e madrinha Socorro. Meu sincero agradecimento.

A todos os meus amigos que tornaram a caminhada mais leve e divertida, seja pelos trabalhos feitos em grupo ou pelas conversas e sorrisos cheios de afeto.

À minha orientadora, Marinalva, por fazer-se Mestre muito além do título, pelo aprendizado que me proporcionou, por toda dedicação e paciência.

A todos os professores com quem tive a honra de encontrar pelo percurso da graduação, especialmente a professora Lorena, por transmitir com tanto amor os conceitos da Logoterapia. Nosso encontro foi realmente existencial.

A todos que compõem o Instituto dos Cegos, por serem tão solícitos e atenciosos, em especial, à Adenize Queiroz que aceitou carinhosamente meu convite para composição da banca examinadora.

Aos meus pacientes da Clínica Escola de Psicologia, que me proporcionaram pôr em prática a teoria estudada ao longo de cinco anos.

Por último, e não menos importante, retomo meu agradecimento a Deus, por ter me proporcionado a experiência de um verdadeiro amor. Ao meu eterno namorado, ao amor da minha vida, meu esposo Jefferson, minha gratidão pelo companheirismo, respeito, amor e por todo auxílio que me deu ao longo da graduação.

A todos vocês, meu muito obrigada!

“Pode-se tirar tudo de um homem exceto uma coisa: a última das liberdades humanas – escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o próprio caminho.”

Viktor Frankl.

DEFICIÊNCIA VISUAL:
HISTÓRIAS DE VIDA SOBRE A BUSCA DE SENTIDO

GUEDES, Camila Patrício ¹

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa descritiva tem como problemática central a perda da visão e o encontro do sentido da vida. Sabe-se que a pessoa que perde a visão quando jovem ou adulta tem de defrontar-se com o trauma psicológico da perda e a busca de novas possibilidades de adaptação. Neste contexto, buscamos compreender como pessoas que nasceram videntes e perderam a visão, encontraram sentido para suas vidas. Para tanto, foi realizado um estudo com uma amostra não aleatória composta por sete sujeitos maiores de 18 anos, com ausência total da visão, vinculados ao Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande – PB. Para a coleta de informações foi utilizada entrevista semiestruturada, gravada em áudio. Como base teórica e epistemológica elencamos a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, que afirma ser possível transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana. Para este autor, a vida traz sempre uma possibilidade de sentido, mesmo nas situações mais adversas. Os resultados obtidos a partir dos depoimentos das pessoas entrevistadas, apontaram para a superação da perda da visão, através da autotranscendência, alcançada na vivência de valores criativos, experienciais e de atitude e, para o encontro do sentido da vida, apesar das dificuldades impostas pela deficiência visual. De diferentes maneiras, a busca pelo re-significado da vida foi verificada nos relatos destas pessoas, que vivenciaram o processo de perda da visão.

Palavras-chave: Deficiência visual. Logoterapia. Sentido da vida.

¹ Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
E-mail para contato: cpgcamilaguedes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A perda da visão causa mudanças que requer da pessoa uma nova postura diante da vida. A pessoa que torna-se deficiente visual em um dado período da vida, tem de defrontar-se com os desafios provocados pela cegueira e o enfrentamento do trauma psicológico que implica na busca de novas possibilidades de sentido.

Assim, o cotidiano de quem perde a visão passa a ser experienciado de uma nova forma, a dependência de outras pessoas pode-se tornar um elemento fundamental para quem antes possuía sua independência para realizar tarefas do dia-a-dia. Adaptar-se à condição atual - a cegueira - passa a ser uma conquista e um desafio diário para os deficientes visuais.

Diante do exposto, esta pesquisa de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso, tem como problemática central a perda da visão e o encontro do sentido da vida. E, como base teórica a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl. Para este autor, não devemos nos esquecer de que podemos encontrar sentido na vida, mesmo quando nos deparamos com situações trágicas e que não podem ser mudadas, mas que podemos sim, transformar tal sofrimento em um triunfo humano. Assim, o ser humano está preparado até mesmo para o sofrimento, desde que este possua um sentido.

Com o objetivo de conhecer o processo de perda total da visão e o encontro de sentido na vida, foi realizada entrevista semiestruturada com sete adultos integrantes do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande, PB. As repostas dadas pelos participantes à entrevista semiestruturada, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas.

Desta forma, o presente artigo apresenta a fundamentação teórica baseada em autores como, Frankl (2005, 2007, 2008, 2011), Xausa (1986), Aquino (2009,

2014), Batista & Enumo (2000), Gil (2000), Medeiros (2014), entre outros autores; os procedimentos metodológicos; os resultados e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A DEFICIÊNCIA VISUAL

Para Batista & Enumo (2000), deficiência visual é um termo que designa impedimentos de origem orgânica relacionados à doenças oculares, que podem levar a um mau funcionamento visual ou à ausência de visão. Em outras palavras é uma alteração de uma ou mais das funções elementares da visão, que comprometem a percepção de cores, pessoas, distâncias e etc. A perda da visão pode ser parcial (denominada também de visão subnormal) ou total (cegueira); congênita (desde o nascimento) ou adquirida (acontecer de repente ou ao longo de um tempo).

“A cegueira total pressupõe completa perda de visão. A visão é nula, isto é, nem a percepção luminosa está presente.” (CONDE, 2012, p. 1). Enquanto a cegueira parcial é considerada por Amaral (1996), como aquela em que os indivíduos são capazes apenas de enxergar a uma curta distância, ou mesmo só conseguem perceber vultos.

A perda total da visão implica em prejuízos da aptidão para a realização de tarefas exercidas cotidianamente. Pois, sabe-se que desde o nascimento é comum que as crianças sejam estimuladas a olhar para tudo, para as pessoas e para os objetos em sua volta. A visão é, sem dúvida, um recurso muito utilizado.

Para Sá; Campos; Silva (2007), a visão é um elo que integra os outros sentidos, permitindo associar sons e imagens, imitar gestos ou comportamentos e explorar o meio circundante. Assim, na ausência da visão as informações táteis,

auditivas, sinestésicas e olfativas são mais aguçadas por força da necessidade, pois os deficientes visuais recorrem com mais frequência a esses sentidos, possibilitando-os funcionarem de forma complementar, auxiliando e facilitando o cotidiano. O que implica em uma nova forma de perceber o mundo.

Segundo Gil (2000), as causas que podem levar à cegueira e a baixa visão podem ser: a retinopatia de prematuridade, causada pela imaturidade da retina, em decorrência de parto prematuro ou excesso de oxigênio na incubadora; a catarata congênita, em consequência da rubéola ou de outras infecções na gestação; o glaucoma congênito, que pode ser hereditário ou causado por infecções; a atrofia óptica; e degenerações da retina e alterações visuais corticais; consequência de doenças como diabetes, deslocamento de retina ou traumatismos oculares.

Sujeitos que nascem com o sentido da visão e perdem este sentido, após certo tempo de vida, guardam memórias visuais, lembram-se de imagens, lugares, pessoas, cores e esse fato pode ou não ser útil para a readaptação. Por um lado, boas lembranças visuais; por outro, o peso em ter que lidar com sua perda e enxergar o mundo de outras formas. Neste contexto, Gil (2000), destaca que:

Além da perda do sentido da visão, a cegueira adquirida acarreta também outras perdas: emocionais; das habilidades básicas (mobilidade, execução de atividades diárias); da atividade profissional; da comunicação; e da personalidade como um todo. Trata-se de uma experiência traumática. (GIL, 2000, p 9).

Pessoas que perdem a visão, ainda jovens ou adultas, têm de confrontar-se com o trauma psicológico da perda. Esse processo dependerá muito da atitude pessoal, da situação sócio econômica, cultural e familiar.

No que diz respeito à família, instância de grande relevância, Kroeff (2012) expõe que, uma família com um membro com deficiência, sem dúvidas, terá de enfrentar muitos desafios, mas que estes não devem deixar a deficiência sobrepor-se a tal ponto que se esqueça de seu principal papel enquanto família, o de desenvolver ao máximo as potencialidades e habilidades de seus membros, sendo este deficiente visual ou não.

Para Medeiros (2009), as famílias, que tantas vezes se sentem indefesas perante a adversidade, respondem de forma desajustada, compreensivelmente. As duas respostas familiares mais comuns são o abandono ou a superproteção. Com relação ao último, Kroeff (2012) conclui que a proteção se configura em uma forma responsável de amor, que leva ao crescimento e a maturidade do indivíduo, ao passo que a superproteção representa a ausência desse amor responsável, levando à regressão ou mesmo o retardo do crescimento pessoal.

A família e os outros meios sociais com que os indivíduos deficientes visuais convivem, a exemplo da escola e do trabalho, não devem esquecer que as perdas que a cegueira traz são muitas.

As perdas emocionais caracterizam-se pela fragmentação da autoimagem e perda da autoestima. O indivíduo, que tinha a sua vida centrada no sentido da visão, deixa de poder sentir-se como uma pessoa completa, considerando-se, pela diferença física, alguém inferior, alguém que não é o que era e que surge diferente dos outros que o rodeiam (MEDEIROS, 2009, p.1).

Neste sentido, a perda repentina da visão afeta por completo a vida de uma pessoa, uma vez que esta não atinge somente a visão, como discorrido anteriormente, ela modifica a dimensão psíquica e social como um todo.

2.2 LOGOTERAPIA E SENTIDO DA VIDA

A Logoterapia consiste no enfoque clínico que vê o homem como um ser biopsiconoético. A pessoa completa em suas três dimensões. É considerada a terceira escola vienense de psicoterapia e tem como seu precursor Viktor Emil Frankl. Segundo D' Angelo (1998), a concepção de Frankl ressalta a necessidade de se considerar o ser humano pela ótica da multiplicidade, enfocando o conceito de totalidade da pessoa humana.

Para Frankl (2011), a vida nos traz sempre uma possibilidade de sentido, mesmo nas situações mais adversas. Assim, cabe a cada indivíduo a descoberta

desse sentido que se dá através da realização de valores, que podem ser de criação, experienciais ou de atitude. Os valores criativos dizem respeito à forma como o indivíduo atua e preenche o ambiente em que está inserido. Para Xausa (1986, p.162) “os valores de criação incluem todas as nossas criações intelectuais, de trabalho e realização profissional, que manifestam necessidades humanas fundamentais”.

Sobre os valores experienciais, Xausa (1986, p.162) comenta que estes se “manifestam na gratuidade dos atos de receber”. Tais como as experiências comunicadas pelo amor humano, a contemplação do que a natureza nos oferece e todas as riquezas da cultura.

Com relação aos valores atitudinais, podemos dizer que “são aqueles que surgem quando fatos irreparáveis e irreversíveis acontecem acima da capacidade humana de superá-los.” (XAUSA, 1986, p.163). Estes por sua vez, incidem quando o homem é posto frente a situações limites. Ao mencionar o otimismo trágico, Frankl (2008) aborda a questão de como o homem permanece otimista apesar da tríade trágica, dor, culpa e morte. Ou seja, responder sim à vida, apesar de tudo.

Outro conceito que se faz relevante é o vazio existencial, este sentimento corresponde à ausência de sentido, o que ocasiona uma sensação de falta e incompletude de sentido para vida e para a existência humana como um todo. Este se caracteriza por um estado de tédio, desânimo e dificuldade em projetar-se para o futuro.

A vontade de sentido, para Frankl (2011), é a motivação humana primária, diferentemente de Freud e Adler que entendiam a motivação do homem como sendo o prazer e o poder, respectivamente. Para a Logoterapia o ser humano possui uma vontade de encontrar e interpretar sua existência, em última instância o encontro do sentido, que segundo Xausa (1986, p. 145) é algo simples, pois é uma potencialidade latente em cada situação e que deve ser descoberto.

Na logoterapia a religiosidade é compreendida como uma via para o sentido. Apontada por Frankl (2007), como parte constituinte da dimensão pessoal do ser

humano, é entendida como uma experiência que constitui uma vida com sentido, em que o ser humano experimenta a força da sua dimensão Noética (do grego nous, significando espírito) que compreende todas as qualidades que distinguem o homem dos animais, por isso é a dimensão genuinamente humana. E é, portanto, na dimensão Noética que estão os valores, a criatividade, a livre tomada de decisões, a consciência moral, etc. É nessa dimensão espiritual que se totaliza na nossa existência.

Assim, para Frankl (2007), a religiosidade é uma tendência inconsciente do homem em direção a Deus, que mantém o desejo de relacionar-se pessoalmente com Ele, uma vez que apresenta uma religiosidade maior do que ele mesmo possa pensar. O que difere de religião, pois esta é composta por determinadas crenças e ritos, como meios que levam à “salvação” ao transcendente ou mesmo Deus.

Segundo Aquino (2014), a religiosidade seria um elemento saudável da vida humana, pois para a logoterapia, a religiosidade não significa necessariamente a opção por uma crença religiosa, mas pode ser uma possível maneira do homem encontrar sentido para a vida.

De acordo com Frankl (2007), a religiosidade pode ou não ajudar o homem no encontro de um sentido na vida, assim como nem toda crise de sentido pode ser solucionada pela crença religiosa. A logoterapia se aproxima da religiosidade quando se refere ao supra-sentido, “esse sentido último que excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano” (FRANKL, 2008, p.142), representando uma dimensão que explica o sofrimento além do intelecto, além da capacidade de se compreender que a vida pode ser dotada de um sentido incondicional. Assim, podemos afirmar com as palavras de Frankl (2007, p.58) que:

[...] a análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente ao ser humano, embora muitas vezes permaneça latente.

Portanto, a relação da logoterapia com a religião é mais um objeto de estudo na tentativa de compreendê-la enquanto fenômeno especificamente humano, e como citado anteriormente, também como meio para o encontro de sentido,

diferentemente de outras abordagens psicoterápicas que consideram a religião um mal para a humanidade, a exemplo da psicanálise que vê o fenômeno religioso como neurose. (AQUINO et al. 2009).

Nesse contexto, pode-se compreender que a religiosidade pode favorecer o encontro de sentido das pessoas que perderam a visão. Através dos seus valores atitudinais, cada indivíduo descobrirá na sua singularidade e individualidade uma diversidade de possibilidades de sentidos, e que estes podem também ser encontrados numa determinada religião. Como lembra Aquino (2014, p. 88) “[...] a religião e a religiosidade constituem objetos, sendo respeitadas e valorizadas por Viktor Frankl como uma via para o encontro de sentido”.

2.3 A BUSCA DO SENTIDO DA VIDA FRENTE À DEFICIÊNCIA VISUAL

Para a Logoterapia, o sentido da vida difere de pessoa para pessoa e está relacionado de acordo com cada situação vivenciada. Desse modo, mesmo com desafios e problemas o homem é um ser em busca do sentido.

Kroeff (2012) afirma que, inserindo-se na linha filosófica do existencialismo, Frankl acrescenta em sua teoria o homem como ser livre e responsável; livre para tomar suas decisões dentre um leque de possibilidades e ser responsável por essas escolhas, característica essa, essencialmente humana. E ressalta que muitas vezes “pessoas deficientes podem ser seduzidas ou ensinadas equivocadamente a apresentar desculpas para não assumir as responsabilidades de sua vida” (KROEFF, 1987 apud KROEFF, 2012, p.72).

A perda da visão é, certamente, uma limitação nas capacidades comuns disponíveis ao ser humano. Entretanto, a experiência de limitações é uma característica da vida humana. Assim, deve haver a consciência que de fato há uma limitação, porém, esta não é uma condição que impede a realização do sentido da vida.

Uma vez que o homem procura sempre um significado para sua vida, este sempre está se movendo em busca de um sentido de seu viver, em outras palavras, a vontade de sentido, como escreve Frankl:

Os sentidos, do mesmo modo como são únicos, são também mutáveis [...] a vida não deixa jamais de ter sentido. Isto é compreensível apenas se admitirmos que existe um sentido potencial a ser descoberto para além do agir e do amar. Certamente estamos habituados a descobrir um sentido no criar uma obra ou no completar uma ação, no fazer experiência de algo ou no encontrar alguém. Mas não devemos jamais esquecer que podemos descobrir um sentido na vida mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, na qualidade de vítimas sem nenhuma ajuda, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado (FRANKL, 2005, p.33).

Frankl (2008) destaca que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa, lhe apresentando um problema para resolver. Neste âmbito, não cabe à pessoa questionar qual o sentido de sua vida, mas sim reconhecer que é ela quem está sendo indagada pela vida e só ela será capaz de responder tal questionamento.

Ainda na linha de pensamento de Frankl (2008), o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo e não dentro da própria pessoa, como em um sistema fechado. Daí decorre uma característica essencialmente humana, a autotranscendência, denotando que o ser humano sempre se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo.

Segundo Pereira (2007), a realização de um sentido não é como algo alcançável por si mesmo. Ser digno da felicidade é um efeito colateral da realização de sentido, que é o fim em si, independentemente dos efeitos que acarreta. Isto é, a vontade de sentido orienta para uma realização de sentido, a qual acaba por prover uma razão para ser feliz. Com uma razão para ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral.

É nesse contexto que Kroeff (2012) pontua que a pessoa com deficiência, até o limite de suas capacidades, levando em consideração as limitações impostas por sua deficiência, deve esforçar-se para descobrir e realizar valores, atribuindo-lhe sentido a sua existência.

Desse modo, como descrito por Paulo Kroeff:

A temática abordada do sentido de vida não é basicamente diferente nas pessoas com ou sem deficiência. É possível que intensidade e frequência maiores de algumas vivências difíceis ocorram mais para a pessoa com deficiência. Mas o importante é não se centrar na lacuna, no que falta, mas no que está presente, no que é possível, e na afirmação da Logoterapia de que a vida sempre tem possibilidades de sentido e, por meio delas, permanece sempre disponível a experiência da felicidade (KROEFF, 2012, p. 76).

Assim, as pessoas que passaram pelo processo de perda da visão também devem buscar, através da realização de valores, motivos para encontrar o sentido da vida, lidando com sua limitação e adquirindo novas possibilidades e capacidades.

O sentido que é atribuído à deficiência na vida de uma pessoa, a citar, a perda da visão, é também o produto do entrelaçamento de sua história pessoal com o meio social onde vive e sua motivação para encarar a vida a partir daí. Pois, é sabido por todos que sobre o indivíduo considerado deficiente cairá o estigma da incapacidade e da invalidez. E como visto pela Logoterapia, é possível sim, além dos determinismos biológicos, encontrar sentido através da realização de valores, sem que para isso se precise estagnar em sua deficiência.

Nesse contexto, Xausa (1986, p.139) propõe que “o sentido da vida é um problema caracteristicamente humano e uma indagação que todo homem faz a si mesmo”. Portanto, o ser humano é sempre motivado ao encontro do sentido, que assume importância vital.

Assim, pode-se dizer que o homem não descansa até que encontre e realize o sentido de sua vida. Desse modo, o sentido se realiza quando impregnamos valor a algo, alguém ou alguma situação que aparentemente é neutra. E é válido ressaltar que, este não é inventado, mas sim descoberto.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa qualitativa descritiva buscou compreender como pessoas que nasceram videntes e perderam a visão, encontraram sentido para suas vidas. O

projeto deste estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

Com o intuito de conhecer o que possibilitou os participantes da pesquisa, encontrarem sentido na vida, após a perda da visão, buscamos conhecer através da história de vida dessas pessoas, como ocorreu à deficiência visual e quais as mudanças psicossociais vivenciadas por elas.

A amostra foi constituída por sete sujeitos com ausência total da visão, que nasceram videntes e em dado período da vida passaram desta condição de videntes para a condição de pessoas com deficiência visual, maiores de dezoito anos, integrantes do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande, PB, seja como funcionário ou aluno. A partir dos critérios citados, os sujeitos foram selecionados por viabilidade e disponibilidade. Para tanto, houve um contato inicial com os participantes, para conhecimento da pesquisa e o consentimento dos mesmos através do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e do Termo de Autorização para Gravação de voz.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturada, elaborada e aplicadas pela pesquisadora, no próprio Instituto. As entrevistas foram feitas individualmente de acordo com a disponibilidade dos participantes e tiveram duração média de 30 minutos. Os itens constantes na entrevista serão descritos na análise e discussão dos resultados.

As repostas dadas pelos participantes à entrevista semiestruturada, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Em seguida, foram agrupadas, categorizadas e submetidas a uma análise qualitativa, fundamentada na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) onde, a partir das observações e entrevistas aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa, se fez uma descrição analítica e interpretação inferencial das informações coletadas.

A instituição local da pesquisa, o Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande, PB, atende pessoas com deficiência visual

oferecendo atividades diversas, com o objetivo de educar para a inclusão social. Dispondo de uma sede com instalações e equipamentos que visam a melhoria na qualidade de vida das pessoas com deficiência visual, a instituição trabalha atualmente com cerca de 180 pessoas cegas ou com baixa visão.

O Instituto oferece educação infantil, apoio pedagógico para ensino fundamental, informática adaptada, desporto adaptado, musicalização, assistência social e psicológica, além de outras atividades vivenciadas com base na necessidade das pessoas cegas, conhecidos como AVDs (Atividades da vida diária). Dentre elas podemos destacar: Locomoção, Leitura e Escrita no Sistema Braile e ainda Biblioteca e Videoteca.

4 PARTICIPANTES

Dentre os 7 sujeitos pesquisados, fizeram parte da amostra 6 homens e 1 mulher, com idades entre 28 e 72 anos. Destes, 5 são solteiros/a, 1 separado/a e 1 casado/a. Residem em sua maioria com familiares: pais, filhos/as, esposo/a e também sozinho/a. No tocante à renda dos participantes, esta varia entre R\$ 788,00 e R\$ 4.500 reais. Dos 7 sujeitos, 5 não exercem função remunerada e 2 exercem atividades como promotor de vendas de cosméticos e outro como professor. Sobre a religião, os participantes se declararam católico (2), evangélico (1), espírita (1) e sem religião definida (3).

Com relação à participação em outras atividades além das propostas pelo Instituto dos Cegos, 5 dos entrevistados alegaram não realizarem outras atividades e 2 mencionaram realizar atividades fora do Instituto. Um entrevistado citou a participação em um grupo de oração espírita e outro atua como educador no município de Pocinhos-PB.

Dos sujeitos pesquisados, 4 estão no Instituto como alunos e 3 como educadores. Quanto ao grau de instrução; 1 é pedagogo, outra é licenciada em matemática, um é historiador e outro é Jornalista, este último ministra aulas de

computação no Instituto local da pesquisa. Os demais não mencionaram cursos de formação ou grau de instrução.

No que concerne à deficiência visual, a idade em que os sujeitos perderam a visão foi entre os 25 e 44 anos, tendo como causas o deslocamento da retina (2), Retinose pigmentar (1), Glaucoma (1), Tumor no nervo óptico, (1) Acidente de trânsito (1). Apenas um deles não soube informar a causa específica.

A seguir serão discutidos os resultados e para melhor compreensão e preservação da identidade dos sujeitos, os mesmos serão identificados pela sigla S (S1 a S7).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente os sujeitos participantes foram questionados quanto ao processo de perda da visão: como foi à descoberta de um problema visual; expectativas; sentimentos; e a efetivação da perda da visão.

Diante das respostas dadas sobre a descoberta e a perda da visão percebemos que, para a minoria aconteceu de forma repentina e para a maioria foi um processo doloroso de expectativas e ansiedade, enquanto outros nem mesmo desconfiavam que isso pudesse de fato acontecer. Como podemos observar nas falas dos sujeitos:

“Estava no hospital dos olhos, em Recife. Passei por três implantes, cinquenta dias amarrado, só no líquido. Ai atingiu o nervo óptico, nem transplante resolve. Foi muito ruim.” (S1)

“Sentia muita dor de cabeça, meus olhos lacrimejam. Descobri um tumor maligno e de repente eu perdi a visão.” (S3)

“No meu caso foi de repente, eu não desconfiava. Foi devido à alta miopia que eu tinha desde criança [...]” (S5)

“Comecei a não enxergar direito de longe. Foi aí que eu fui fazer um exame mais preciso, porque eu mudava de óculos, mas não tinha êxito. Um tempo depois perdi totalmente a visão, e o sentimento que eu tinha era de tristeza.”
(S6)

“Já nasci com alta miopia. [...] Fui dormir, amanheci cego.” (S7)

Quando indagados se pensavam que um dia perderiam totalmente a visão, bem como os sentimentos que vivenciaram, constatou-se que dois dos sujeitos esperavam sim, perder a visão, e em contrapartida os demais relataram que não esperavam que isso um dia pudesse vir acontecer, mesmo que a maioria já possuísse algum problema de visão.

Quanto aos sentimentos experienciados, em relação à possibilidade de perda da visão, a maioria mencionou tristeza, depressão, ansiedade e também de aceitação, como descritos nas falas subsequentes:

“[...] Eu não desejo isso a ninguém. Até tentar me matar eu tentei... Depressão horrível.” (S1)

“Nunca tive desgosto. Foi Jesus que quis eu cego...” (S2)

“[...] Sentia ansiedade por não saber o que fazer. Mas quando eu perdi a visão totalmente eu já sabia mais ou menos o que fazer e embora torcesse para que isso não acontecesse, quando estava com baixa visão fui procurar saber, por curiosidade, não me preparando, talvez por negação, como uma pessoa com deficiência usava o computador, por exemplo.” (S5)

Também podemos observar na fala do Sujeito S2, que a atribuição da cegueira foi descrita como vontade divina, neste contexto, Aquino (2014) afirma que a religiosidade seria um elemento saudável na vida dos seres humanos e que para Frankl (2008) pode revelar uma dimensão que explica o sofrimento, neste caso da perda da visão, que se sobrepõe ao intelecto. Para o S2, Jesus, como Ser superior, permitiu a deficiência visual, portanto, a mesma deve ser encarada com normalidade e aceitação, revelando não uma atitude inautêntica de conformismo, mas de concordância positiva, mesmo frente à deficiência visual.

No tocante à perda total da visão e a reação dos sujeitos, foi possível verificar que o sentimento presente e quase unânime foi de desespero e sofrimento, uma vez

que a deficiência visual tornou-se não mais uma possibilidade, mas um fato. Como podemos observar nas falas seguintes:

“Horrível! Entrei logo numa depressão... Não dependia de ninguém. Quando os médicos de Recife disseram que não tinha mais jeito, aí entrei na tristeza geral.” (S1)

“[...] Os dois primeiros meses foram muito difíceis. Eu era independente e tive que caminhar nos braços dos outros.” (S3)

“[...] Quando eu acordei pensei que era de noite ainda, aí quando soube da hora foi que eu realmente entrei em pânico. Aí não tinha mais jeito.” (S4)

“[...] A primeira semana foi de desespero...” (S7)

Como visto nas falas dos sujeitos, o sofrimento da perda da visão é notório, mas referente a essas questões Frankl (2011) propõe que mesmo nas situações mais adversas, e onde o sofrimento é inevitável, como no caso da deficiência visual, a vida sempre nos traz possibilidades de realização de sentido. Embora tudo aparente o caos, desespero e tristeza, ainda assim, a vontade de sentido, característica essencialmente humana, motiva e impulsiona o homem na busca pela interpretação da sua existência e pelo encontro do sentido da vida.

Em seguida aos questionamentos sobre o processo da perda, partimos para as indagações referentes às mudanças psicossociais vivenciadas pelos sujeitos, após à perda total da visão. Dessa forma, foi perguntado aos participantes, o que havia ocorrido em suas vidas após à perda da visão. Os participantes afirmaram que muito havia mudado, como podemos observar nas falas a seguir, as várias nuances dessas mudanças:

“Foi ruim, porque a gente passa a depender de A ou de B.” (S2)

“O que mudou? a limitação... Primeiro eu não era dependente [...] e de repente passei a ser dependente de alguém.” (S4)

“Mudou absolutamente tudo. Mudei inclusive minha personalidade. Eu era uma pessoa muito mais antissocial, triste e insatisfeito com a vida.” (S5)

“Mudou tudo e eu diria que mudou para melhor. Foi depois que fiquei cego que eu fiz faculdade, especialização e passei no concurso público.” (S7)

Podemos considerar então, que a dependência de outras pessoas é um fato de grande relevância, pois, como ponderado por Gil (2000), a cegueira adquirida traz consigo, além das perdas emocionais, perdas na execução independente de tarefas cotidianas e, portanto, a dependência, como descrito nas falas acima. Também podemos perceber que fatores positivos foram citados, contrariando a imagem negativa que se tem acerca da deficiência, pois neste caso, foram experienciadas mudanças positivas. Assim como descritos por Xausa (1986), os valores atitudinais são aqueles que se sobrepõem aos fatos irreversíveis da vida, que vão além da capacidade humana de superá-los, mas, mesmo assim, escolhe responder sim à vida, em uma atitude positiva, apesar de tudo.

Sobre as mudanças trazidas pela deficiência visual, foi perguntado aos participantes qual ou quais as principais dificuldades que enfrentaram nessa nova fase da vida. Dentre as respostas, tivemos a maior incidência referente à locomoção e mais uma vez a dependência à outras pessoas, como podemos notar nas falas dos participantes, citadas abaixo:

“Ficar só em casa, sem sair pra nada, não tinha locomoção boa”. (S1)

“Parei de trabalhar, no mais está tudo bem”. (S2)

“A principal é você ser dependente do outro.” (S3)

“Locomoção, até hoje. Pedir para os outros resolverem as coisas comigo.” (S4)

“Mudar minha dinâmica de vida e locomoção em lugares que não conheço”. (S5)

“A locomoção mesmo.” (S6)

“Medo de caminhar.” (S7)

Apesar de ainda ser citada à dependência de outras pessoas para realização de tarefas, é notório que a dificuldade de locomoção é bastante presente na vida dos sujeitos participantes da pesquisa, e que apesar de todos já serem deficientes visuais há alguns anos, essa dificuldade, em alguns casos, ainda se faz presente atualmente.

É nesse contexto que a perda da visão reflete não só psicologicamente, mas também socialmente, interferindo na capacidade funcional, como a execução de atividades diárias, o trabalho, a dinâmica de vida e a mobilidade, como fora bastante citado nas respostas acima.

Com relação ao enfrentamento da perda da visão, foi questionado aos participantes como se deu esse decurso. Como poderemos observar nas respostas, muitos enfatizaram o papel da família, bem como sua própria força de vontade, como meios para a superação.

“Tive que enfrentar, não teve outro jeito. Até os amigos sumiram. Sumiu tudo.” (S1)

“Nessa época eu tinha mãe e a ajuda dos irmãos e das irmãs. Foi mais fácil.” (S2)

“Procurei ajudar outras pessoas [...]. Foi isso que me jogou lá pra cima. Minha irmã me ajudou muito, meu cunhado, meus irmãos.” (S3)

“Bom, eu diria que com bastante força de vontade, bastante espírito de luta para me adaptar. Ajudou uma pessoa que morava comigo durante 21 anos [...]” (S4)

“Minha família, mais a minha mãe, o meu pai e alguns tios [...]” (S5)

“Com algumas dificuldades. Minha irmã me ajudou muito [...]” (S6)

“Foi difícil, mas minha família esteve sempre comigo.” (S7)

Como visto, a partir das respostas, o papel da família é de suma importância, corroborando com o pensamento de Kroeff (2012), o qual expõe que a família que possui um membro com deficiência, neste caso, o deficiente visual, terá de enfrentar, sem dúvidas, muitos desafios, mas que estes não devem deixar a deficiência sobrepor-se a tal ponto que se esqueça de seu principal papel enquanto família, o de desenvolver ao máximo as potencialidades e habilidades de seus membros.

Uma vez que é sabido que desde o nascimento é comum que as crianças sejam estimuladas a olhar para tudo, aprendem pela visão a reconhecer rostos, identificar seus brinquedos e aonde querem ir. Com a perda repentina da visão a

vida de uma pessoa é completamente afetada, uma vez que esta não atinge somente a visão, mas modifica a dimensão psíquica e social como um todo.

Neste caso, a família aparece como ponto de apoio e auxílio no desenvolvimento e ensino das novas habilidades que seu familiar, agora deficiente visual, terá de desenvolver, podendo assim ser o primeiro núcleo ao qual o indivíduo recorre na tentativa de superação da perda visual.

Ainda referente às respostas sobre o enfrentamento da perda da visão, vale ressaltar que o sujeito S3, relata como motivação, ajudar as pessoas, revelando-nos uma atitude de abertura ao mundo e à outras pessoas, que como descrito por Xausa (1986), são os valores experienciais, que são manifestados na gratuidade dos atos de receber, tais como as experiências comunicadas pelo amor humano. Ao passo que doava o que podia, a quem no momento estava precisando, recebia em troca a satisfação de perceber que fazia a diferença na vida de outras pessoas, sobrepondo-se ao ato de doar, ao que na verdade era o próprio sujeito quem recebia na experiência com o outro, estímulo para superar os obstáculos trazidos com a deficiência visual.

Neste contexto, foi perguntado aos sujeitos se a participação no Instituto dos Cegos havia contribuído de alguma forma para a superação e adaptação à deficiência visual. Em unanimidade, pudemos perceber a interferência direta e positiva do Instituto na vida dos sujeitos. A seguir citaremos algumas respostas:

“Melhorou 100% porque além de superar você vive em outro mundo, hoje meu mundo é aqui dentro, não tem outro não. Eu me sinto muito bem aqui.”

(S1)

“E como contribuiu e continua contribuindo, influenciou muito no meu dia a dia. Aqui para mim é muito importante.” (S2)

“Eu demorei muito a vir para o instituto ainda tinha aquele orgulho dentro de mim, depois encontrei uns amigos que me disseram para procurar o instituto, quando comecei a frequentar, gostei muito das aulas de português, decidi fazer supletivo, terminei, fiz o primeiro vestibular e não passei. Passei no segundo”. (S3)

“Contribuiu porque eu não fico parada, fico exercendo atividades, tenho amigos.” (S4)

“Demais. Se eu não tivesse vindo aqui no final de 2013, com certeza eu estaria depressivo, não estaria terminando o mestrado agora. Aqui eu tenho uma rotina que é importante para mim e quando fui chamado para dar aula, melhor ainda, assim me caiu à responsabilidade de ensinar a outras pessoas.” (S5)

“[...] o instituto estava reabrindo, ai vim pra cá e abracei a causa também. Em pouco tempo já estava escrevendo o braille e quando vi que era capaz me tornei professor aqui”. (S7)

Nesse âmbito, o Instituto dos Cegos, mostra-se como lugar que propicia a vivência e a realização de valores, uma vez que permite a interação entre pessoas com dificuldades semelhantes, motivando-os e dando-lhes possibilidades de superação, ao passo que os capacita para sua nova forma de enxergar o mundo, bem como, dando-lhes espaço para atuarem como profissionais podendo ajudar outras pessoas. As falas acima confirmam o pensamento de Kroeff (2012), de que a pessoa com deficiência, até o limite de suas capacidades, levando em consideração as limitações impostas por sua deficiência, deve esforçar-se para descobrir e realizar valores, atribuindo sentido à sua existência.

Podemos verificar a realização de valores, tanto criativos, como aqueles em que podemos doar algo ao mundo, um trabalho, por exemplo, bem como, os experienciais, quando recebemos algo do mundo, a citar a experiência de um amor. Na medida em que atuam e preenchem o ambiente em que estão inseridos, como também as relações com o outro na gratuidade de receber amor, através das amizades construídas na convivência com pessoas do Instituto.

Sobre o momento presente, foi indagado como os sujeitos lidam atualmente com a deficiência visual. Em alguns casos, os sujeitos alegaram ainda estarem se acostumando, apesar de terem perdido a visão há mais de dez anos, especialmente no tocante à locomoção. Em contrapartida, a maioria respondeu que lida bem; como descrito a seguir nas respostas dos participantes:

“Hoje eu me sinto uma pessoa normal. Saio, viajo, vou para barzinhos. Normal.” (S1)

“Hoje é normal, estou bem adaptado com a perda da visão. Já faço minhas coisas. Preciso da ajuda das pessoas, mas já faço muita coisa sozinho.” (S3)

“Bem, apenas com a dificuldade de locomoção.” (S4)

“Normal. Quando penso no que perdi com a visão eu sinto saudade, mas não mais tristeza.” (S7)

Para estes sujeitos, a deficiência visual não é vivida atualmente com o mesmo sofrimento de antes, uma vez que conseguem visualizar não só as perdas que a deficiência trouxe consigo, mas também tudo que já conseguiram resignificar. Com base nos depoimentos nota-se que a maioria dos sujeitos pesquisados já lidam com naturalidade frente à sua deficiência.

Portanto, podemos inferir que a pessoa com deficiência visual, que perdeu sua visão em algum momento da vida, passa a conviver com suas memórias. Neste contexto, como dito no relato do participante S7, as memórias já se caracterizam como saudade e não mais tristeza, mostrando que o homem é sempre impulsionado à autotranscendência e que a busca do sentido da vida se manifesta como mola propulsora para a superação de perdas irreparáveis, como a perda da visão.

Como proposto por Kroeff (2012), o homem é um ser livre e responsável; livre para tomar suas decisões dentre um leque de possibilidades e responsável por essas escolhas, característica essa, essencialmente humana. Como podemos perceber os sujeitos pesquisados mostram uma postura de compromisso, responsabilidade e superação.

A respeito da questão sobre o encontro de sentido, foi perguntado se os participantes da pesquisa conseguem vislumbrar um sentido para sua vida e/ou um porquê viver. Pôde-se apreender que os sujeitos, apesar da perda visual, têm consciência de que a vida possui sentido. Reconhecendo que não cabe à pessoa

questionar qual o sentido de sua vida, mas sim, reconhecer que ela é quem está sendo questionada pela vida e só ela será capaz de responder tal questionamento.

Abaixo, descrevemos os pensamentos relativos ao sentido da vida exposto pelos sujeitos.

“Hoje eu não tenho ganância por nada, mas viver é melhor do que morrer.”
(S1)

“Sim. Não tenho dúvida, a vida tem sentido. Enquanto há vida, há esperança.” (S2)

“Eu vejo um sentido para a vida. Deus dá a cada um de nós o livre arbítrio [...]. O sentido da vida é viver sempre fazendo o bem [...]” (S3)

“Com certeza, só em está passando livremente todo o conhecimento para alguém, isso já me deixa feliz.” (S4)

“[...] Para mim, a vida só faz sentido quando você influencia a vida de outras pessoas. O que me dói são os dias vazios, então, preencher esses dias é o que me faz continuar.” (S5)

“Sim, o sentido da vida para mim é que mesmo com a perda de algo muito importante, mesmo assim, com Deus nós superaremos tudo.” (S6)

“Sim. A vida é um dom de Deus e enquanto nós respirarmos vale a pena viver.” (S7)

Com relação às respostas acerca do sentido da vida, é possível perceber que para os sujeitos, a vida sempre conota uma possibilidade de sentido, em especial quando nos referimos à abertura para o mundo e o encontro com o outro. Frankl (2008), afirma que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da própria pessoa. Resultando disto uma característica essencialmente humana, a autotranscendência, significando que o ser humano sempre se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo.

Uma vez que o homem procura um significado para sua vida, este sempre está se movendo em busca do sentido de seu viver, em outras palavras, a vontade

de sentido. Nesse contexto, podemos perceber também, pela fala dos sujeitos uma tendência em relação ao Sagrado como condição para uma vida com sentido, na qual o ser humano experimenta a forma saudável da sua dimensão espiritual.

Para finalizarmos, perguntamos aos sujeitos como estes se projetam no futuro. Segue abaixo algumas das respostas que obtivemos:

“Só quem sabe do futuro é Jesus Cristo, tudo a gente depende dele. Quero me dedicar mais a aprender no computador. Pegar as músicas que eu gosto muito.” (S1)

“Continuar com essas atividades didáticas e fazer um curso de computação.” (S4)

“Uma é casamento e uma profissão. Eu ainda posso trabalhar.” (S6)

“Eu me sinto uma pessoa realizada. Quero continuar trabalhando e servindo a igreja.” (S7)

Portanto, constata-se nas respostas das pessoas que participaram da pesquisa, que estas estão motivadas a desenvolver novas habilidades e ampliar seus conhecimentos, demonstrando uma atitude consciente de projeção para o futuro e, deste modo, realização de sentido. Assim como afirma Xausa (1986), o sentido da vida é um questionamento que todo ser humano se faz, desse modo, o objetivo do homem é encontrar e realizar o sentido de sua vida. Porém, o sentido se realiza quando é atribuído valor a algo, alguém ou até mesmo a alguma situação que se aparenta neutra. Ou seja, aprender algo novo, encontrar existencialmente alguém a quem possa amar, vislumbrar um sentido no trabalho, entre tantas possibilidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frankl (2008) defende que a superação é uma escolha, uma decisão interior e que apesar das experiências traumáticas, alguns indivíduos contrariando as expectativas, decidem acreditar na vida, refazendo e resignificando seus caminhos.

O posicionamento responsável frente imposições lastimáveis que a vida impõe, pode colaborar para que a pessoa descubra sentido e convença-se da possibilidade de superar-se. Abrindo-se para o outro e para o mundo através da autotranscendência. Não se trata da insensibilidade da pessoa diante da experiência de um sofrimento profundo, como pudemos inferir, mas a ideia de que a descoberta de um sentido pode transformar essas situações.

Nota-se diante das atitudes dos participantes da pesquisa, que a perda de um recurso tão importante como o da visão, não é algo fácil e que a maioria, em sua particularidade, sofreu com essa imposição que a vida lhes trouxe. O processo da perda, que para a maioria dos entrevistados, mesmo tendo acontecido de forma gradativa, mostrou-se bastante doloroso, uma vez que, para alguns perder totalmente a visão era algo inimaginável. No entanto, foi possível observar que após um período de adaptação, com a ajuda principalmente de familiares, bem como a integração em atividades promovidas pelo Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande, PB, todos perceberam algo de positivo na perda da visão, podendo assim, lidar da melhor forma com essa nova realidade.

As experiências vivenciadas pelos participantes, após à perda da visão, demonstraram a capacidade que o ser humano tem de superação. Diante da história de vida de cada entrevistado, pode-se perceber a autotranscendência e descoberta do sentido para a vida, assim como a vivência de valores criativos, experienciais e de atitude. Mesmo que de diferentes maneiras, estas pessoas puderam afirmar que há sentido na vida, cabendo a cada um descobri-lo.

Desse modo, foi possível observar que o ser humano através do convite à consciência e as suas capacidades, assim como propõe a Logoterapia, compreende que a vida é única, que possui um significado e um valor, mesmo nas situações mais adversas. Sendo assim, este estudo contribuiu para o conhecimento científico acerca da temática proposta, propiciando um diálogo entre a Logoterapia e a

deficiência visual, enfocando não somente as perdas que a deficiência traz consigo, mas, sobretudo, o encontro do sentido da vida frente às situações imutáveis.

Por fim, é importante afirmar que, apesar das perdas irreparáveis que a vida pode apresentar, é possível a resignificação das mesmas, uma vez que, a vida em última instância possui sentido, e que, portanto, cabe a cada ser humano encontrá-lo.

VISUAL IMPAIRMENT:
STORIES OF LIFE ABOUT THE SEARCH OF SENSE

ABSTRACT

This descriptive qualitative search has as central problematic the loss of sight and the encounter of the sense of life. It is known that the person who loses their sight when young or adult has to face the psychological trauma of loss and the search for new possibilities of adaptation. In this context we seek to understand how people with visual disabilities who already saw one day and for some reason lost their sight, they found sense in their lives. Therefore a study was conducted with a non-random sample of 7 persons with more of 18 years, with total absence of vision, linked to the Institute of Education and Assistance to Blind Northeast of Campina Grande, PB. For collecting information was used semi-structured interview, recorded on audio. As theoretical and epistemological base we elected the Logotherapy and Existential Analysis Viktor Emil Frankl, who claims to be possible to transform suffering in a conquest and in a human achievement, for this author the life always brings a possibility of sense, even in the most adverse situations. The results obtained from the testimonies of the persons researched pointed to the overcoming of vision loss through self-transcendence, achieved the experience of creative values, experiential and attitude, and for the encounter the sense of life, despite the difficulties caused by the deficiency visual. Even if in different ways, the search for a new meaning for life was verified in the reports of the interviewees, who at a given moment of existence experienced the process of vision loss.

Keywords: Visual impairment. Logotherapy. Sense of life.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. **Deficiência:** questões conceituais e alguns de seus desdobramentos. Cadernos de Psicologia, 1 (1), 3-12, 1996.

AQUINO, T. A. A. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl:** articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Paulus, 2014.

_____, T. A. A. et al. **Atitude religiosa e sentido da vida:** um estudo correlacional. Psicologia: Ciência e Profissão. vol. 29 no.2 Brasília 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

BATISTA, C.G., & ENUMO, S.R.F. (2000). **Desenvolvimento humano e impedimentos de origem orgânica:** O caso da deficiência visual. In H.A. Novo & M.C.S. Meneandro (Orgs.). Olhares diversos: estudando o desenvolvimento humano (pp.157–174). Vitória: Programa de Pós–Graduação em Psicologia UFES.

CONDE, A. J. M. **Deficiência visual:** a cegueira e a baixa visão. Bengala Legal. 2012. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/cegueira-e-baixa-visao>> Acesso em: 12 de outubro de 2014.

D' ANGELO, C. **Crianças especiais:** Superando a diferença. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

GIL, Marta (org.). **Deficiência Visual.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus.** 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

_____, V. E. **A vontade de sentido:** fundamentos e aplicações da logoterapia. Ed. ampl., São Paulo: Paulus, 2011.

_____, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25. Ed.- São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____, V. E. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

KROEFF, P. **Possibilidades e desafios da pessoa com deficiência**: contribuições da logoterapia e teoria sistêmica. Ribeirão Preto: IECVF, 2012.

MEDEIROS, A. M. **A perda da visão na adolescência e na idade adulta**. Bengala Legal. 2009. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/perda-de-visao>> Acesso em: 12 de outubro de 2014.

PEREIRA, I. S. **A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl**. Psicol. USP vol.18 no.1 São Paulo Mar. 2007.

SÁ, E. D. de.; CAMPOS, I. M.; SILVA, M. B. C. **Deficiência visual**. São Paulo: MEC/ SEESP, 2007.

XAUSA, I. A. de M. **A psicologia do sentido da vida**. 2ª ed. Vozes: Petrópolis, 1986.